

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SÃO PAULO

Maisa Stela Lambert Rosa

Transgressão e Gozo: Ensaio sobre a Obra de
Freud e Lacan

SÃO PAULO

2011

Maisa Stela Lambert Rosa

Transgressão e Gozo: Ensaio sobre a Obra de
Freud e Lacan

Monografia apresentada à Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo,
como parte das exigências do Curso
de Pós-Graduação Lato Sensu em
Semiótica Psicanalítica, para a
obtenção do título de Especialista
em Semiótica Psicanalítica.

Orientador: João Angelo Fantini

SÃO PAULO

2011

Dedicatória

Aos que procuram enxergar o que está além do pré-determinado.

Agradecimentos:

Agradeço a minha mãe, por sempre me apoiar em minhas buscas, ao meu querido tio Didi, que sempre foi a fresta de luz no quarto escuro, ao meu pai, por me ensinar a ver a vida com humor. As pessoas fascinantes que encontrei ao longo desses dois anos e que se tornaram muito mais que meros colegas . Aos mestres que de maneira libertária, ampliaram e deram novos sentidos para várias questões. Ao Montoto por me aderir ao grupo e ao Fantini por me aceitar como orientanda.

Sumário

I) Introdução -----pág. 06

II) Totem e Tabu-----pág. 09

III) O Averso da Psicanálise -----pág. 27

IV) Conclusão-----pág. 56

V) Referências Bibliográficas-----pág. 57

Introdução

Não precisamos recorrer a estudos clássicos ou científicos de psicologia ou antropologia para perceber a insatisfação humana e a tendência inata quase compulsória de transgredir valores pré-determinados. Na convivência em grupo ou na sociedade, a norma natural estabeleceu as medidas de controle do possível e do suportável no limite da tolerância. Agregados em pequenos grupos primitivos ou convivendo em sociedades modernas, à custa do instinto de adaptação, o indivíduo se ajusta à convivência com os outros, integrando-se ao coletivo.

Embora racional, o homem carrega na sua natureza animal uma dualidade instintiva (orgânica) e idealizada. Também não é necessário intelectualismo acadêmico para perceber a satisfação que o ato de transgredir vem a proporcionar ao indivíduo, referindo a supremacia de seu ego. É o prazer do comando de domínio. Todos têm essa tendência: a transgressão.

Tão velha é essa questão, que é impossível encontrar num retrocesso da nossa evolução vestígios de organização tribal aleatória sem alguma hierarquia de controle, quer seja matriarcal ou patriarcal. A própria natureza impõe quer pela sobrepujança física, quer pelo instinto de sobrevivência, uma necessidade de se agregar, quer como vencedores ou vencidos, como senhores ou escravos, como vítimas ou mártires ou como agressores.

E dentro desses conflitos tão velhos como a própria história surgem as fantasias, as alucinações e as neuroses, nascem os mitos, a magia, a religião e os códigos regentes da lei e da moral, determinando os limites.

O ser pensante tem que equacionar a discrepância não mais pelo crime como solução, busca em vão ou utopicamente uma solução no mundo das ideias. Cria-se a filosofia e no conturbado mundo das visões e julgamentos, urge fazer a divisão do individual com o outro. Como a criança que escapa do útero para a vida, o sujeito e o objeto. Nasce o desejo como o principal protagonista e centralizador de toda atenção no campo da filosofia que aos poucos desagua na psicologia.

Mas a ciência em si não tem divisão, é única e total como o universo, é a nossa incompreensão desse universo que delimita em áreas determinadas acima.

Porém, cada uma tem a sua ótica e é preciso burilar essa lente pessoal na correspondência associativa para a percepção de tantas e variadas outras ideias determinantes, de solução no campo da dialética, protagonista da história humana fazendo e delineando pensamentos para tentar minimizar o que os ditos mentores da lei denominaram de “caos”.

A respeito do contexto transgressão, quem conhece a Bíblia ou assistiu ao clássico filme “Os Dez Mandamentos”, conhece o histórico exemplo de Moisés, que devidos às circunstâncias se vê obrigado a uma codificação de preceitos morais e religiosos como

diretriz de lei e controle, o fundamento da hegemonia social e preservação do conceito de nação, afim de que assim regidos pudessem sobreviver e estabelecer em liberdade de seus costumes, tradição, história, religião, firmando raiz, de escravos e peregrinos à vinculação de um estado (antigo reino).

E assim, esse referido código gravado na pedra alertava o homem dos impulsos de sua transgressão possível latente. Se o alertava para a não realização de uma transgressão era porque, já como a própria vida demonstrava que inúmeros exemplos tinham sido cometidos, ela vigorava e vigora como um germe fecundo dentro de nossa índole, dentro da negatividade como no positivo no conceito do Super Homem de Nietzsche.

Conclui-se assim que sem um padrão associativo não podemos nos instaurar do individual ao coletivo, como também sem liberdade não podemos florescer dentro de nossas próprias tendências, por tanto em defesa individual e em agregação social sem danos recíprocos, vê a sociedade na responsabilidade de estabelecer um padrão harmônico de equilíbrio e sustentação, não só teórico como também prático. Não só nas ideias como também na ação.

Porém, faz-se necessário observar que esta ação toma o sentido de reação e que venha mudar de conotação, invertendo a significação dependendo da referência sujeito e objeto relativo à urgência espaço-temporal e de sobrevivência para transgressão. O mais certo para conclusão de tudo seria levarmos em consideração que tudo depende do ponto de vista.

Temos vários exemplos de sacrifícios martirizastes e massacres onde a inversão de sentido é evidente: O Massacre da Primavera de Praga nos anos 60, o massacre da Praça da Paz na China, o Massacre no Carandiru em São Paulo, tudo isso se implica em uma abordagem mais complexa no criminal e legal da realidade jurídica da humanidade numa neurose social.

Voltando aos primórdios dos tempos, quando os indivíduos se estabeleciam em tribos, surgiram preceitos a serem seguidos, os chamados *Tabus*, como descreve Freud, serviam para garantir não só a coesão dos grupos como a sua sobrevivência e manutenção do “Totem”, no qual se priorizava o horror do incesto.

Totem e Tabu

Nada melhor do que o próprio Freud para definir o conceito das palavras tabu e totem na correlação existente de conteúdo e significado entre a cultura primitiva e contemporânea, que também serve para explicar e equiparar as psicoses e neuroses humanas desde então.

Seu método foi rastrear vestígios e pesquisar as tribos mais antigas do planeta num trabalho de antropologia social.

Vemos que Sigmund Freud introduziu na terapia médica a psicanálise como método analítico da psicologia em nível de reconhecimento das causas dos sintomas das

neuroses. O que não é fácil discorrer não sendo psicólogo nem psiquiatra, porém numa abordagem geral poderemos perceber e delinear segundo o sentido como é exposto na linha do pensamento pelo médico e psicanalista.

“Entre os australianos, o lugar das instituições religiosas e sociais que eles não têm é ocupado pelo sistema do ‘totemismo’. As tribos australianas subdividem em grupos menores ou clãs, cada um dos quais é denominado segundo o seu totem. O que é um totem? Via de regra é um animal (comível ou inofensivo, ou perigoso e temido) e mais raramente um vegetal ou um fenômeno natural (como a chuva ou a água) que mantém relação peculiar com todo o clã. Em primeiro lugar o totem é um antepassado comum do clã, ao mesmo tempo é o seu espírito guardião e auxiliar, que lhe envia oráculos, e embora perigoso para os outros, reconhece e poupa seus próprios filhos.”

(FREUD, 1913-1914, p.7)

O totem pode ser herdado nas linhagens dos pais, mas em algumas tribos só a feminina. Não se come um animal de representação totêmica, o que podemos agrupar a uma linhagem de família.

Porém o que atraiu a atenção dos psicanalistas no sistema totêmico é o horror do incesto e uma lei contra as relações sexuais entre as pessoas do mesmo totem, a exogamia. Uma instituição totêmica.

Cansados da vida vazia na mata, naquela tão remota era, sobre o regime totêmico, impedidos de se satisfazerem com as próprias irmãs e oprimidos pelo ciúme paterno em relação à mãe, instaurou-se uma revolta de origem neurótica e os mancebos mataram o pai, a figura primordial do totem.

Tal qual o fato mitológico, vinculou-se nas referidas culturas primitivas esta fantasia, que passou a pesar na consciência dos varões como uma culpa, uma transgressão, que poderia acarretar em maldição. Se antes eram controlados e reprimidos pelo pai, agora a patrulha vinha dos irmãos. Como meio da extração da culpa cria o sacrifício da expiação. Sacrificam o animal totêmico representante do pai em busca do perdão, surgindo a magia e o ritual.

O peso do remorso era maior do que a repressão paterna e o meio de aliviar essa culpa era o sacrifício, instaurando a origem das religiões. Surge o mito no coletivo como uma neurose, a causa de suas disfunções. O mito e a fantasia no indivíduo estudado por Freud posteriormente no Complexo de Édipo.

Em certas tribos americanas o totem é considerado um espírito guardião, que um antepassado adquiriu num sonho e transmitiu a seus descendentes. O totemismo é ligado diretamente ao fetichismo.

O Totem é comparado a uma organização de tribos de ancestrais comuns que constituem em uma linhagem regidas pelas mesmas crenças.

Tabu e Ambivalência Emocional

Tabu é um termo das Ilhas da Polinésia no Pacífico Norte, possui a representação que para os antigos seria o “sacer” o “ayos” e o Kadesh dos hebreus, cujo significado apresenta sentidos contrários, tanto como sagrado, quanto profano e impuro. Seu inverso na Polinésia é “noa”, acessível comum, abrangendo o caráter sagrado de pessoas ou coisas cuja violação acarretava numa punição vinda dos deuses, ou a própria sociedade se encarregava dessa punição aos transgressores.

Para equipará-lo o significado em nosso momento melhor seria inseri-lo no conceito da censura, na convenção de valores morais. No geral está ligado à coisas impuras, ao incesto, como também matar certos animais e comê-lo, o que consiste o núcleo do totemismo, tendo por crença o poder demoníaco, tamanha é a sua carga emotiva no individual e social, passou a ser a raiz de todos os preceitos morais interagindo como elemento básico da psicanálise. Isto é, do inconsciente do indivíduo, cuja correlação comum é evidente e sem causa efetiva, o tabu e as proibições obsessivas dos neuróticos. Tal qual e igual ao puro fruto de uma fantasia, representadas por restrições maníacas e fobias de contato.

Ao mesmo tempo em que o sujeito quer realizar um contato com o objeto que seria seu gozo máximo, ele repudia este ato e se auto-impede. A proibição consciente supera o

desejo inconsciente. Se não fosse esses sentimentos antagônicos o fator psicológico não traria consequência neurótica.

A proibição ao oponente inconsciente o desejo oculto e não reduzido, a necessidade interna inacessível ao consciente. O desejo reprimido é censurado, foge do impasse e inconscientemente é deslocado para um substituto. É o caso da auto-expição e do remorso, uma concessão de ação neurótica. É o desejo inconsciente reprimido de fazer a coisa proibida. O que mais gostariam de fazer é violar, porém, o medo é mais forte do que o desejo. O desejo se apresenta inconscientemente tanto no neurótico como em cada membro daquela tribo, tomada como exemplo. Sua intenção é reprimida, a ação proibida.

Qualquer um que exerça uma influência que desperta um interesse que excite a uma transgressão, ou provoca uma inveja, é considerado tabu, provocar desejos proibidos nos outros é despertar neles o conflito interno duo.

Conclui-se a íntima relação do Tabu como desencadeador das neuroses obsessivas, a repressão ou o desconforto com as regras e disciplinas, assim se estabelece a concordância psicológica entre tabu e neurose obsessiva no que venha a ser a maior característica. Com respeito àqueles ligados a ela, podemos apontar o alto grau de repressão sexual imposta pela igreja, o que não anula a existência de muitos padres pedófilos espalhados pelo mundo.

Nota-se mais uma vez que o tabu veio a ser a lei das comunidades a serviço de objetivos sociais. Vale lembrar que chefes, bispos, reis, também se utilizaram do recurso da imposição do Tabu para fins de domínio.

Tratamento com os Inimigos

Ritos de apaziguamento aconteciam quando uma expedição guerreira voltava trazendo a cabeça decepada de seus inimigos faziam rituais que tinham como mote a absolvição. Como se falassem “Não tenham raiva por suas cabeças estarem conosco, se tivéssemos menos sorte, nossas cabeças estariam com vocês.” Era inconscientemente um ritual de purificação.

Conclui-se que os impulsos com os inimigos não eram apenas hostis. Eram também de remorso, admiração e culpa, que nos dá a ideia que mesmo antes do mandamento ser inserido na bíblia, esses primatas já tinham um mandamento vivo: “Não matarás”.

Esse ato poderia representar numa severa punição e exprimia o sentimento ambivalente de ódio versos amor. Por suas associações Freud chega a um ponto de vista que tanto o selvagem quanto um ser altamente civilizado é igualmente perturbado em se tratando de religião ou lealdade.

O Tabu relativo aos governantes

É natural que se espere dos governantes uma vida de autodisciplina e conduta exemplar. Essas são as exigências que lhe garantem o trono.

Tomamos como exemplo na idade média 1390 e 1418, os reis da Irlanda eram obrigados a obedecer a uma série de restrições que uma vez desobedecidas, poderiam acarretar uma série de desgraças para o país.

Nas relações com pessoas privilegiadas, junto com a veneração e idolatrizarão por elas, existe no subconsciente uma corrente de sentimentos hostis intensas, que como era de se esperar confrontamos com uma situação de ambivalência emocional: a hostilidade inconsciente do Tabu.

Os selvagens da Serra e Leoa, quando elegiam o seu rei, se viam no direito de espancá-lo e se valiam do direito com tanta disposição que muitas vezes o escolhido nem sobrevivia. Caso que podemos fazer uma linha de ligação com os trotes que dão em calouros quando esses passam no vestibular.

No intenso mundo das neuroses fica claro que onde existe um sentimento de afeição, existe também um sentimento de hostilidade contrário e inconsciente. A intensificação excessiva da afeição se torna compulsiva e autoritária, por não haver outra maneira de anular os desejos do inconsciente.

Tabu em relação aos mortos

Novamente, pegando como exemplo a sociedade tribal, percebemos que era considerado tabu qualquer contato com os mortos, o que remetia a putrefação e infecção e todos que tinham qualquer contato com eles era isolado, pois representavam “transmissores da morte”.

Considerado um ser impuro, não podiam nem tocar a própria comida, comia a maneira dos cães, com as mãos seguradas atrás das costas, abocanhando a comida no chão ou sendo alimentado por outra pessoa, pessoa essa destinada somente a isso, o que não deixava de ser restringida a severos tabus. Somente essa pessoa era permitida a relacionar com o “impuro”. Quando decorria o período de sua reclusão, todos os utensílios eram queimados junto com suas vestes.

Também os viúvos e viúvas eram tidos como tabu e evitados. Eles acreditavam que a presença deles dava azar. Na verdade, o grande medo era o perigo da tentação, eles tendiam a procurar um substituto para satisfazerem os seus desejos, que despertaria a ira do defunto. Até o nome do morto era proibido de pronunciar. Esses costumem acabaram se espalhando pelas mais diversas partes do mundo entre os primitivos.

Era regra geral evitar pronunciar o nome da pessoa morta. Em algumas tribos os que tinham o nome idêntico de uma pessoa que morreu tinha seu nome imediatamente trocado. Era necessário procurar esquecer o morto e evitar a sua lembrança. Até os animais, se por um acaso tivessem o nome da pessoa morta, logo teriam outra denominação. Outros povos adotaram a prática compensatória, no período de luto dão aos filhos o nome dos seus mortos, que são vistos como reencarnados.

Os selvagens viam no nome a essência da personalidade de um homem e uma importante posse. Evitar o nome de um morto era como evitar um tabu pertinente. Mais uma vez, podemos associar isso a neurose obsessiva. Muitas são a questão de Tabu e nome, mas Wendt concluiu:

“São vítimas de um temor da “Alma do morto”, que se transformou em demônio, a essência do tabu é o medo dos demônios”.

(WENDT, 1906)

Essa explicação, da transformação das almas em demônios, de instinto perverso, seria por ser a morte o mais grave de todos os infortúnios. O motivo da insatisfação de sua sorte e por isso temiam ser levados por eles para o seu mundo. Comparando que a vida dos povos primitivos a um grau de ambivalência atribuído aos pacientes obsessivos chega-se a compreender o porquê os selvagens, após uma aflição que a presença da morte causava, tinham uma reação de hostilidade em seu inconsciente, semelhante à autocensura nos neuróticos obsessivos, cuja hostilidade, aflitivamente sentida no inconsciente como satisfação pela morte, os selvagens a tratam de maneira diferente. A defesa contra ela é deslocá-la para o objeto da hostilidade, ou seja, os próprios mortos. Procedimento defensivo que tanto normal como patológico conhecido como projeção. A sua aflição e sofrimento nada mais é que os mortos. Apesar dessa defesa que projeta no morto a culpa, também há a reação emocional de castigo, remorso, renúncias e

penitências, que são disfarces como meio de proteção contra os demônios hostis. Aqui o tabu desenvolve tendo por base o emocional ambivalente. Então se deduz que o tabu sobre os mortos surge não diferente dos demais, do contraste entre o sofrimento consciente e a satisfação inconsciente pela morte que ocorreu.

Tanto os tabus quanto os sintomas neuróticos tem um sentido duplo, por um lado o pesar, no outro se desmascara claramente aquilo que queriam ocultar. Uma hostilidade contra o morto disfarçada em autodefesa, pois os tabus originam-se do medo da tentação.

O antropólogo Westermarck (1906) diz que os selvagens não viam diferença entre uma morte natural ou violenta. Pelo pensamento inconsciente deles, o homem que morreu de morte natural é um homem assassinado, desejos maus o mataram. Sondando a significação dos sonhos de morte de parentes queridos, muito comum em crianças, percebemos uma atitude de dualidade emocional, nutrem amor e ódio pelos seus pais.

A princípio, Freud se colocara em desacordo com a opinião de Wundt, de que a essência do tatu era o medo dos demônios, o que posteriormente ele concordou que o medo derivava da alma da pessoa morta transformada em demônio. Nessa questão resolve a aparente contradição afirmando a presença de demônios, mas não definitivamente e psicologicamente analisável, afirmando que se consegue ir além dos demônios por explicar como sendo sentimentos hostis, alimentados pelos sobreviventes contra os mortos.

Na ocasião o luto, manifestam sentimentos agressivos e afetivos para com os mortos, como desolação e satisfação, que não pode deixar de estarem em conflito entre estes dois sentimentos contrários, e desde que o de hostilidade e inteiramente ou, na maioria das vezes inconsciente e o resultado desse conflito não se pode subtrair, por assim dizer, o sentimento de menor ou de maior intensidade e estabelecer a diferença na consciência.

Continuamente o processo é conduzido pelo mecanismo psíquico conhecido como projeção. A hostilidade inconsciente dos sobreviventes da percepção interna para o mundo externo. Desligando deles e empurrando para o outrem.

Não se pode dizer que estejam alegres por se livrarem do morto, ao contrário, estão de luto por ele, porém ele se transformou em um “demônio perverso”, pronto a tripudiar sobre seus infortúnios e prontos a matá-los. Torna-se necessário que os sobreviventes defendam-se deles. Aliviando assim a pressão vinda de dentro (inconsciente), mas apenas a trocaram pela pressão vinda de fora.

Porém, só por esse fator não se explica a criação de uma projeção. O verdadeiro fator de tudo isso é a hostilidade inconsciente. Uma corrente de brutalidade para com os parentes mais chegados e queridos pode permanecer latente durante toda a vida. Pode não ser manifestada a consciência de maneira direta ou através de um substantivo, entretanto quando eles morrem, o conflito rompe e se torna agudo. O luto que se origina da intensificação dos sentimentos afetivos, torna-se por outro lado mais impactante em

relação à agressividade latente, e por isso, não se permite interromper qualquer sentimento de satisfação.

Em consequência disso segue-se a repressão da hostilidade inconsciente pelo método da projeção e a criação do cerimonial, que expressa o medo de ser punido pelos demônios.

Segundo Wundt (1906) as entidades demoníacas observadas pelo mito, são mais antigas que os gênios bons. Crê-se na possibilidade do conceito de demônio ter sua origem na relação dos vivos com os mortos. Surgem duas raízes completamente opostas, de um lado o medo dos demônios e dos fantasmas, do outro a veneração dos ancestrais.

O luto mostra por um lado sua origem na crença dos demônios, pelo fato desses serem vistos como espíritos daqueles que morreram cuja função é desligar dos mortos às lembranças e às esperanças dos sobreviventes com objetivo de diminuir a dor.

Onde, anteriormente, o ódio satisfeito e a afeição sentida relutavam, encontra-se agora uma cicatriz, um consolo que se forma ao modelo da piedade declarada: do Latim “*De mortuis nil nisi bene*” (*Dos mortos não se fala a não ser o bem*). Somente nos neuróticos o luto pela perda daqueles que lhe são caros é ainda perturbado por autocensuras obsessivas, cujo segredo é revelado pela psicanálise como sendo a velha ambivalência, próprias palavras usadas pelo Freud.

Supõe-se assim, que no homem civilizado esta ambivalência diminui e sua carga, diminui o tabu. Nos neuróticos, que se veem a digladiar o conflito e o tabu resultante

dessa ambivalência herdaram uma constituição arcaica como vestígios atávicos, que os leve à uma imensa necessidade de compensação à custa daquele desgaste mental.

Pelo Tabu, segundo Freud, esclarece a origem da consciência, gerador do conflito de autocensura, do senso de culpa. O fenômeno mais remoto da consciência é certamente o tabu com todo seu significado intrínseco. O tabu é o termômetro de reflexão.

A presença de uma corrente positiva de desejo pode ocorrer como algo bastante natural sem a exigência de provas exaustivas em comparação com as neuroses, porque afinal de contas, não há proibição em algo que ninguém deseja fazer (interdição). E uma coisa proibida com mais intensidade deve ser algo mais desejável. Por essa tese aceitável aos povos primitivos conclui-se que as mais fortes tentações e desejos eram matar seus reis e sacerdotes, cometer incesto e cortar laços com os mortos.

Porém, se assim admitíssemos as alegações defendidas pela nossa consciência, por um lado essas proibições seriam inúteis, supérfluas, tanto ao tabu quanto as proibições morais e por outro que a consciência ficaria sem explicação. Uma vez anulado os jogos dos conflitos e não haveria lugar para as relações restantes entre o tabu e as neuroses.

Se levar em consideração a descoberta que se chegou pela psicanálise sobre os sonhos, são manifestações do inconsciente exprimindo os desejos do inconsciente.

Como a exemplo a observância compulsória de certos neuróticos, como sendo cautelas contra um impulso intensificado de matar ou autopunição por causa desses impulsos. Temos como exemplo a autoflagelação de alguns religiosos ortodoxos, atitude neurótica para controlar seus instintos sexuais.

Nesse caso deferia-se então dar mais importância à tese de que onde existe uma proibição tem que haver um desejo oculto. Teria que se supor que o desejo de matar se acha realmente no inconsciente e que nem os tabus e nem as proibições morais são psicologicamente supérfluas, mas sim, explicam e justificam a existência da ambivalência do impulso de matar.

Os processos psíquicos do inconsciente não são os mesmos processos conscientes que estamos familiarizados. Eles desfrutam de certas liberdades excepcionais que não são permitidos ao processo consciente.

Os processos do inconsciente são distintos dos processos conscientes. Um impulso inconsciente pode não ter surgido no lugar em que foi detectado. Pode ter surgido de uma região completamente diferente e ter atingido o local onde é observado através do deslocamento, além de que por sua irregularidade à correção os atributos dos processos inconscientes, pode ter sobrevivido desde épocas bem anteriores nas quais era apropriado, até épocas e circunstância posteriores em suas manifestações estavam destinadas a parecer estranhas.

Isto não deixa de ser uma sugestão, mas se atentamente for observado o seu desenvolvimento e sua importância para a compreensão do progresso da civilização se torna evidente.

Freud afirma que ao sustentar a semelhança entre as proibições dos tabus e as proibições morais, não discutiu o fato que deve haver uma diferença entre elas, sendo que a única razão para as proibições não assumirem a forma de tabu, deve ser alguma alteração ocorrida nas circunstâncias que regem a ambivalência a elas subjacente.

Nesse exame analítico dos problemas do tabu foi demonstrado os pontos de concordância que se pode existir entre ele e a neurose obsessiva, Porém definindo uma contraposição neurótica à maneira de uma revolta interna. A outra face da moeda do tabu é sim uma instituição social segundo Freud.

Diferenças do tabu como neurose e criação cultural

Entre os povos primitivos o tabu quando violado gera o pavor de uma punição. Nas neuroses obsessivas é diferente. O que o paciente teme se transgredir a proibição é que o castigo caia sobre outra pessoa. Não sobre si, mas em alguém em que seu relacionamento afetivo seja próximo. Neste caso o neurótico é altruísta e o primitivo egoísta. Quando a violação do tabu entre os primitivos não era vingada na pessoa do transgressor gerava um sentimento coletivo de que todos estavam ameaçados pelo

ultraje, então se apressavam a efetuar eles mesmos a punição omitida. Por essa sólida realidade evidencia o medo do exemplo infeccioso, da tentação de imitar, ou seja, do caráter infeccioso do tabu. Se uma pessoa consegue gratificar o desejo reprimido, o mesmo desejo está fadado a ser despertado em todos os outros membros da comunidade.

E para conter a tentação, o transgressor invejado tem que ser despojado dos frutos do seu empreendimento, e o castigo com a sua execução não deixa de apresentar uma oportunidade de cometer o mesmo ultraje invejado sobre a aparência de um ato de expiação, à semelhança dos fundamentos do sistema penal humano que se baseia na pressuposição de que os impulsos proibidos encontram-se tanto no criminoso como na comunidade que se vingam.

Em termos de culpa, neurótico teme que o castigo possa ser aplicado em quem ama, mas no início de sua doença não era assim.

No começo da doença, a ameaça do castigo cai no próprio doente, como no caso dos selvagens. A princípio ele temia pela própria vida, somente depois que o medo da doença descolou para outrem (uma pessoa querida).

O processo parece complicado, mas podemos analisá-lo vinculado à proibição, existe sempre um impulso hostil contra alguém que o paciente ama, um desejo intrínseco que essa pessoa morra. Esta proibição reprime este impulso que se liga a algum ato específico, por deslocamento que talvez represente um ato hostil contra a pessoa amada.

Existe um castigo se o ato for realizado. Mas o processo vai, além disso, e o desejo primeiro que a pessoa morra é substituído pelo medo de que ele possa morrer. É dessa forma que quando a neurose parece ser altruísta, está simplesmente compensando uma atitude subjacente contrária brutal e egoísta.

Há determinadas emoções nutridas em relação à outra pessoa que são sociais sem tomá-la como objeto sexual.

O recuo ao que está por trás desses fatores sociais determinantes de relacionamento é que pode ser ressaltado como uma característica fundamental da neurose, mesmo em se tratando de uma característica que vem posteriormente disfarçada pela compensação.

O neurótico deseja que a pessoa morra, depois teme que a pessoa morra pelo medo de sua própria morte. Que ele venha a morrer também por isso o peso da proibição é bastante significativo e o autocontrole eterno. Penso que é aqui que Freud tenta chegar.

O tabu assemelha-se muito com o medo de contato do neurótico com a sua fobia de contato, que no caso da neurose, a proibição se relaciona com o contato sexual, e a psicanálise já demonstrou que, em regra geral, as forças instintivas que são desviadas e descoladas para as neuroses são de origem sexual. No caso do tabu, o contato proibido deve ser entendido como não sendo exclusivamente sexual, mas sim no sentido mais geral de atacar e obter o controle, de afirmar-se dominar. Se existe a proibição de tocar num chefe ou nos objetos de seu uso, isso significa que o mesmo deve ser feito aos mesmos impulsos que noutras ocasiões se expressa por uma atitude de suspeita para com

o chefe ou até mesmo através do mau tratamento físico que lhe foi dado antes da coroação. Assim a neurose se caracteriza pelo fato da preponderância dos elementos sexuais sobre os elementos instintivos sociais. Os instintos sociais, enfim derivam propriamente de um composto de elementos egoísticos e eróticos em totalidades de um tipo especial.

A comparação entre tabu e a neurose obsessiva é suficiente para a elucidação da relação entre as diferentes formas de neuroses e instituições culturais e perceber o quanto o estudo da psicologia das neuroses é importante para a compreensão do desenvolvimento da civilização.

“As neuroses, por um lado, apresentam pontos de concordância notáveis e de longo alcance com as grandes instituições sociais, a arte, a religião e a filosofia.

Mas, por outro lado, parecem como se fossem distorções delas. Poder-se-ia sustentar que o caso de histeria é a caricatura de uma obra de arte, que uma neurose obsessiva é a caricatura de uma religião e que o delírio paranoico é a caricatura de um sistema filosófico”.

(FREUD, 1913-1914, p. 56)

A natureza associadas a neuroses tem sua origem genética no seu propósito de fuga de uma realidade insatisfatória para um mundo de fantasia.

O mundo real, que o neurótico evita, acha-se sob o comando da sociedade humana e das instituições criadas por ela. Negar a realidade é o mesmo que abandonar o convívio humano.

O Averso da Psicanálise

No ano de 1969, diversas palestras foram realizadas na Faculdade de Direito e na Universidade de Vincennes, em Paris, no clima político efervescente daquele ano, em que ocorreu a Primavera de Praga, a repressão Soviética a Guerra do Vietnam, ditaduras programadas em toda a América Latina sob o controle dos Estados Unidos e o cerco do Chile para derrubar o Salvador Allende.

No Brasil vive-se sob o regime militar, que nasce com o golpe em 1964 e perdura até 1985. Um ano antes, na França, os estudantes da tradicional Sorbonne saíram juntamente com a classe operária e os intelectuais da época reivindicaram seus direitos no famoso Maio de 68. Mesmo sob toda a repressão que rondava as sociedades, na época, podemos notar que a transgressão não apenas tomava as ruas, como também era tema de romances e filmes em que jovens, segundo seus ideais, de maneira até mesmo romantizada,

combatiam o sistema que lhe eram imposto. Seja pegando em armas ou resistindo a tortura dos militares.

Dizem os poetas e os artistas que Paris é uma cidade maravilhosa, sempre foi considerada um nicho cultural, quer na literatura, na filosofia, nas artes plásticas. Lá também fora o reduto do sem-rumo, os sem-destino, simplesmente levados pelo exílio, quer oficial ou voluntário. Isso é necessário dizer para que se lembre do quanto Paris é inteiramente politizada e abrangente. O indivíduo tanto encontrava o clima propício à sua solidão e luto como o ambiente para discussão política e engajamento. Paris era a encruzilhada da Via Crúcis, chamada exílio para todos os latinos americanos das décadas de 60 e 70.

Em meio a todos esses acontecimentos mundiais está Lacan e as palestras, o que ficou conhecido como o “Averso da Psicanálise”. Lacan parece dismantelar o discurso do seu curso normal informativo, da sua síntese padrão habitual, numa completa inversão dos complementos, como para projetá-la de um só impacto nos seus ouvintes como um projetor cinematográfico na tela mental de cada um.

Lacan (1969) chama a atenção para com o título, *O Averso da Psicanálise*, que não tem nada a ver com o que o momento poderia sugerir, que se deveria virar as avessas um certo número de lugares. Porém ele se contém e faz referência a um escrito datado de 1966 “De massas antecedentes”. Seu discurso constituiu numa retomada do projeto

freudiano pelo avesso. Escrito bem antes de todos aqueles acontecimentos que marcaram a época.

Lacan faz uma abstração do discurso, quer excluir as palavras, a grande questão vai além delas. O que ele faria um dia é um discurso sem palavras. *“O que eu prefiro”, disse, “e até proclamarei um dia, é um discurso sem palavras.”*

As palavras se inserem no âmbito de suas expressões primeiras. Tanto assim que se torna difícil o uso das palavras para traduzir a seu discurso, a não ser pela atitude reflexiva, contemplativa de ponderação e advertência, de sondagem e investigação. Daí a necessidade do correlativo significante para um outro significante em que a palavra se vê limitada a sua função. É como se sentisse a necessidade de codificar a sensação ou a percepção da realidade em que o discurso não dá mais conta para expressar o seu conteúdo existencial. Se bem que a língua em sua expressão real passa e passaria tão bem ou talvez melhor ainda se deixasse de lado essa codificação simbólica e talvez até suspeita de fidelidade quanto a sua função. A fala tem seus recursos próprios e sinceros, ela não sugere a arte tal qual a pictórica e a escrita que lhe são distintas. Ela tem seus meios de se expressar, quer pelo urro ou pelo grito, como na tela de Edvard Munch no *O Grito na Ponte*, artista expressionista norueguês ou pelos mecanismos de atos falhos, pelos chistes de linguagem. Portanto fica o significante grifado como um código de linguagem usado também por Lacan, portanto como na prática a gramática é outra e aqui não sugere um curso e nem uma revisão de linguística e arte, procura-se concentrar na

questão humana do indivíduo (sujeito) e objeto no contexto humano e social e não no uso da simbologia preenchendo de forma alegórica um espaço que poderia ser expresso de forma literal e categórica. Não sei se isso ocorre de forma alheia e intencional, fora da massa palpável em que podemos meter as mãos e construir nossa forma inteligível a todos os normais humanos e não apenas aos “produzidos” pelo intelectualismo inútil do famoso dito “diletantismo acadêmico”, onde geralmente se enquadram tão bem as cátedras universitárias e a igreja católica com seus dogmas.

Lacan afirma que há estrutura para caracterizar o que se passa numa relação como sendo a de um significante com o outro significante, “o sujeito”, que corresponde a um outro significante, e assim estabelece a forma.

Tem-se o significante S_1 , que é o início da definição do discurso destacando-o nesse primeiro passo com um círculo marcado com a letra A, que corresponde ao chamado “campo do grande outro”.



Mas simplificando considera-se S_1 e, designa-se S_2 como a bateria dos significantes.



São os significantes que já integram o discurso preconcebido como a preposição de um anunciado. S_1 é o significante que deve ser visto como interveniente, aquele que participa e interfere, está presente. Ele se integra e se intervém num conjunto de significantes aqui apresentando sua forma como numa “bateria significante” a qual não pode ser anulada nem desconsiderada da rede, do campo do que se chama um saber.

O que já o estabelece agora que S_1 representa alguma coisa no campo definido, onde estamos como o campo já estruturado de um saber. É o seu “Hipotético” *upokeimenon* (é o sujeito de Aristóteles), é o sujeito na medida em que apresenta este conhecimento distinto do indivíduo.

Este campo do saber é o seu ponto de referência, mas não é da ordem do estatuto do saber permitir sua participação.

$$\frac{S_1}{\$} \longrightarrow \frac{S_2}{a}$$

Eis aí o gérmen da questão da palavra saber com a sua tônica da “ambiguidade”. Lacan diz que lhe ocorreu chamar o saber como o gozo do outro, pela primeira vez nesse seminário. O seminário, em suas palavras foi feito de um outro para outro, segundo o

título que lhe deu. O pequeno outro, com o seu tom de notoriedade, era o que designamos representado pela álgebra, de estrutura significante o objeto a.

Assim estabelecida a estrutura significante se terá então de conhecer a maneira pela qual isso opera pelo sistema de giro.

$$\left(\frac{S_1}{\$} \xrightarrow{\quad} \frac{S_2}{a} \right) \Rightarrow \frac{\$}{a} \xrightarrow{\quad} \frac{S_1}{S_2}$$

Este esquema já vem sendo mantido por Lacan há bastante tempo, como afirma desde seu escrito *Kant com Sade*.

A cadeia e a sucessão de letras nessa álgebra não se alteram nem se desmoronam. Ao operar o quarto giro se obterá, portanto quatro estruturas consecutivas diferente da primeira como ponto de partida. Lacan quer nessa representação algébrica especificar um aparelho que não tem nada de imposto, alheio a uma realidade, porém ele está inserido nela, a um discurso que já está no mundo e que o manteremos. Não só está inscrito no mundo como são suas bases de sustentação. Nenhuma importância tem a forma das letras dessa cadeia simbólica, isto basta para a manifestação das relações constantes. A fórmula é isso.

Ela apresenta um momento segundo o qual o nosso discurso desenvolverá e nos apontará um sentido para dar a esse momento. Diz ela que é no instante em que S_1 intervém no

campo já estabelecido dos outros significantes, quando eles já se articulam como tais, ao intervêm a um outro, do sistema surge $\$$, que é o sujeito dividido. Nesse trajeto surge sempre uma perda o que designa a letra a, como objeto a. Essa função do objeto perdido é extraída do discurso de Freud sobre o sentido da repetição do falante. Esta repetição se refere aquilo que desse saber é o limite que se chama gozo. E porque é de uma articulação lógica que se trata na fórmula pela qual o saber é o gozo do outro. Do outro, claro, à medida que se evidencia como campo, já que não tem nenhuma intervenção significante.

O giro sempre continua deslocando o significante, o Outro, o saber, o Outro o saber e assim sucessivamente, pois é nesse circuito que o termo gozo permite mostrar o ponto de inserção do aparelho. Dessa maneira atingimos o limite do campo do saber e saímos do que está em questão no saber, do que é reconhecível como saber, para retornarmos aos limites, onde a palavra de Freud intervém. E o que resulta disso? Nada a não ser a confusão, nenhum saber. E dessa confusão temos que extrair uma reflexão, pois se trata dos limites de transgredir o sistema, sair dele. Sair dele por qual razão? Devido a uma sede de sentido, como se fosse necessário ao sistema. Ele não tem nenhum sentido, porém devido à nossa fragilidade temos necessidade de sentido e Lacan aqui intervém dizendo: *“Pois bem, eis aqui um sentido ainda aponta talvez não seja verdadeiro. Mas também iremos certamente ver que há muitos desses talvez, não seja o verdadeiro cuja insistência nos sugere propriamente a dimensão da verdade.”* (LACAN,1969-1970,p.14)

Lacan faz se observar aqui pela ambiguidade da palavra *trieb* (pulsão) vítima de uma falha psicanalítica, afirmando que é desnecessário um retorno antológico até Kant. Que deveria ter-se tido maior prudência e não tê-la traduzido no discurso psicanalítico por “instinto” tão precipitadamente, embora possa - se tirar algum proveito disso. Ele não faz evidência disso para discorrer sobre sua gênese, mas para lembrar no lugar que ela ocupa o discurso de Freud devido ao caráter de sua conotação. Para ele a palavra instinto popularmente encerra uma ideia de saber indizível, mas que se presume como resultado a preservação da vida. Daí a aplicação de tanto os seus “talvez” nesse capítulo. É o mesmo que o “Só sei que nada sei” do Sócrates. Pois analisar não é julgar e o jogo da refração dos espelhos é um labirinto vertiginoso, mas no âmbito de trabalho reflexivo e analítico como da própria confusão que o próprio Lacan apresenta como a busca de um sentido que em nossa desorientação necessitamos como a pulsão do gozo. Mário Quintana se refere a isso na necessidade compulsória de um novo livro que ansiosamente esperamos saciar a sede, porém nada vem a nos preencher e sempre estamos na expectativa do mais novo, mais interessante, ao grande nirvana. O êxtase nos arrebatava pela mente, a pulsão de morte seria tal qual o êxtase, o primeiro e último, o resgate da liberdade, ou mais um talvez lacaniano?

Nessa época, década de 60, o existencialismo teve sua ressonância pelo mundo. Estamos apenas no início da obra de Lacan. Veremos onde vamos chegar na sua álgebra, Onde os significantes ocupam os distintos lugares em sua conotação no seu discurso. Hoje o

existencialismo vem ocupar espaço apenas na literatura, deixando a meta terapêutica em que ocupou espaço, assim como Krishnamurti, nos turbulentos anos do poderio soviético e Americano na disputa armamentista nos períodos da Guerra Fria. Paris fora a central dos refugiados do mundo inteiro.

Em nossa vivência a palavra instinto nos alerta para dois sentidos. Assim como a palavra sentido vêm nos apresentar dois sentidos, o de fazer sentir e o de esclarecer uma questão, como também o substantivo de direção e vetor usado em física. Assim também temos a palavra instinto que se contrapõe no mesmo plano com a intuição.

Temos o instinto que nos intui, que nos alerta e previne como uma faculdade inata e automática como também o instinto sexual orgânico - biológico e outros como de sobrevivência e de preservação.

Os lugares pré interpretam

Ao iniciar esse discurso Lacan lembra mais um artista em cena com toda a sua linguagem rítmica e poética. Não podemos deixar de transcrevê-la na íntegra tamanha sua força de expressão.

“Disse aquilo que digo, eu não falo do que sou. Para que, já que isso se vê, em suma, graças a assistência de vocês. Não é que ela fale em meu favor. Ela fala as vezes, e geralmente em meu lugar.”

(LACAN,1969-1970, p. 15)

Tudo já está explicado, o encontro, a reunião, a assistência presente, dá o seu recado. O discurso já está feito aí, sem nenhuma necessidade das palavras. Tudo já é dito pela força do grupo e conclui que a essência de tal manifestação era consequência do que havia dito em outros lugares.

“A vida é um conjunto de forças que resiste a morte” (Bichat), assim apresenta uma conclusão tomada pelo instinto e saber e aponta Freud contrapondo a ela pela tendência do nirvana com a pulsão de morte.

A resistência da vida a tendência ao nirvana, faz presente na experiência analítica, uma experiência de discurso, de retorno ao inanimado, à mesma fonte que pulsa a vida, pelo mesmo caminho que ela traçou o verdadeiro instinto relacionado a um saber cultural, ancestral o que Freud caracteriza como *O Princípio do Saber*. Que atrai a vida num limite ao gozo. No caminho para a morte é isso que acontece, é um discurso sobre o masoquismo, à busca de prazer, um gozo.

Nas obras esotéricas, especificando certos níveis mentais de meditação, os mestres alertam do perigo de quem experimentar esse certo êxtase espiritual e não querer mais voltar à realidade. Devido ao nível de satisfação atingida pela profundidade da meditação. Este não mais querer voltar significa a morte. Onde Lacan especifica: “*O caminho para a morte nada mais é do que aquilo que se chama gozo*”. Saber e gozo é aí que surge o momento em que se ajusta o aparato referente ao significante. Saber e gozo se ajustam num mesmo sentido da mesma equação algébrica, se é dessa forma que Lacan quer evidenciar os fatos. Mais ainda, para estruturar um saber é preciso renunciar à questão das origens (da linguagem). Ela se adapta à necessidade do momento e espaço atuante da marcha natural da evolução quer venha definir como evolução ou progresso. Negar isso é intervenção dogmática.

Porém isso é ser categórico demais uma vez que o nível cultural arquetípico aponta a ser invariável e atemporal. Esta observação também não deixa de ser um contraponto da ordem ambígua. E este discurso vem a desaguar no campo da filosofia pura, se é que ela existe.

Por ser o gozo sexual comum a todos e por estar na junção, o que o corre é a perda na forma algébrica representada por A, “a castração” que Freud relaciona a repetição, e dessa comparação entre significantes surge o sujeito lesado pela perda do fator ambiguidade. O contraste luz e sombra, noite e dia, prazer e dor, vida e morte. É assim a maiêutica de Lacan. A maneira de Sócrates, Lacan apresenta as questões com os

“talvez” ou perguntas no sistema da ironia, não no sentido do sarcasmo, porém no contexto interrogativo e investigador. Em grego, ironia quer dizer interrogação.

Quanto ao saber ele nos impõe um limite quanto atingido um campo, é como se voltasse ao primeiro degrau, ou como se tivesse que voltar tudo de novo após nossa construção de areia ter sido varrida por uma inundação, é a fábula da repetição Freudiana.

O sentido, ele já está anunciado no universo, sem sombra de variação, as estrelas estão sempre lá, marcando o seu ponto na sua rota, que pela aplicação da ambiguidade, não é sua, é nossa, nós somos o sujeito dessa rota, dessa variação equacional chamada “equinócio”. E essa perda é o vazio lesado, a “Hianca”, talvez pela falta em gozar, situado no nível do saber, na medida em que ganha um referencial completamente diferente, um saber destacado pelo significado.

A relação com o gozo é ainda subsequente à função do desejo, que aqui se adapta como mais-de-gozar e não como impor o forçar, ou uma transgressão.

Neste ponto do 3º discurso da relação do saber e gozo não se sabe ao certo se Lacan se dirige aos seus ouvintes presentes, ou se dirige a outro destino, a algum ou outro escalão social indiretamente.

“Que se calem um pouco, por favor, parem com essa baboseira, que a análise mostra, se mostra, alguma coisa, diz, é que ela, não diz coisa com coisa, é

precisamente isso, não se transgredir nada. Entrar de fininho não é transgredir. Ver uma porta aberta não é transpô-la.”

(LACAN, 1969-1970, p. 18)

Isto não se trata de transgressão e sim irrupção de alguma coisa que é da ordem do gozo, um prêmio.

Mesmo que isso tenha de ser pago, o que se denota aqui, neste nível de articulação (no seu sistema algébrico) a partir do discurso não do outro, porém do sujeito, é o que Marx destaca como mais-de-gozar. Em nível de mais valia em economia, a maior significância do trabalho e produção. Não foi uma invenção de Marx, só que estava despercebido até então.

Era o mesmo lugar ambíguo contrapondo o mais-de-gozar, o do trabalho a mais, o mais trabalho, a maior concentração de esforço e energia. E qual a consequência disso a não ser a realização se não for justamente o gozo, a satisfação e essa recompensa deve ir para algum lugar, (algum bolso).

“(…) Se o pagamos, quer pela força do trabalho, pelo mais-de-trabalhar, é justo que o tenhamos e a partir disso é necessário gastá-lo logo senão isto pode trazer consequência que nos implicaria. Deixemos por enquanto a coisa em suspenso.”

(LACAN, 1969-1970, p. 18)

“Ele supõe saber alguma coisa e não sabe, enquanto eu, se não sei, tampouco suponho saber. Parece que sou um pouco mais sábio que ele exatamente por não supor que saiba o que não sei”

(SÓCRATES)

Tal qual a maiêutica de Sócrates, Lacan induz a cada um à suas próprias ideias.

O escravo roubado de seu saber

A finalidade da forma algébrica é definir os quatro discursos radicais. Ela tem sua importância singular na fixação do que iremos demonstrar como o discurso do mestre (senhor, patrão, dono) a partir do sujeito representado por um significante defrontando com outro significante.

Cabe ao aparelho algébrico fundamentar a designação presente que fornece a estrutura do discurso do senhor: S_1 é o significante a essência do senhor. Não esquecendo o próprio campo do saber que é o escravo S_2 . Pela política de Aristóteles fica caracterizado que o escravo é o suporte do saber: o que era uma função inscrita tanto quanto no estado. Está lá pela sua capacitação. A maneira de Platão que se desiluiu com a democracia Lacan aqui dá o seu recado.

“Ora o que acontece sob nossa ilhas e nos dá um sentido à filosofia. Quanto a isto, basta recordar Platão, o que é importante para por as coisas em seu lugar o que está em questão. Se é que existe sentido no que nos preocupa. O de por as coisas em seu lugar. Qual seria o papel a filosofia em toda a sua evolução a não ser o de designar isso: O roubo, o rapto, a subtração de seu saber à escravidão, pela operação do senhor.”

(LACAN, 1969-1970, p.20)

Como correspondendo ao apelo do senhor Lacan, não como um patrão, porém como um mestre, e como bons ouvintes, anotam-se algumas referências de Platão.

Platão, que em grego quer dizer ombros largos, sendo Aristocleso seu nome. Foi discípulo de Sócrates, aquém considerava como o mais sábio e mais justo dos homens. Em consequência de sua desilusão com a democracia ateniense ele escreve:

“Deixei-me levar por ilusões que nada tinham de espantosa por causa da minha juventude. Imaginava, de fato, que governariam a cidade reconduzindo-a dos caminhos da injustiça para os da justiça. Fui então irresistivelmente levado a louvar a verdadeira filosofia e proclamar que somente à sua luz se pode reconhecer onde está a justiça na vida pública e na vida privada.”

(PLATÃO)

A filosofia para Lacan é tida como o olho da consciência, pois em seu desabafo ele afirma:

“Para perceber isso, (a trapaça do trabalho), basta ter um pouquinho de prática nos diálogos de Platão, e Deus sabe os esforços que faço a dezesseis anos, para o que me escutam adquiram essa prática.”

(LACAN, 1969-1970, p.20)

Começa a se evidenciar as duas faces do saber, a face articulada, a manipulação pelo interesse puramente lucrativo de renda e o saber-fazer a capacitação, que o faz um componente de engrenagem das mais proveitosas, a mais valia, cujo aparelho articulado é deslocado, do bolso do escravo ao do senhor. Aqui se vê o esforço para apuração da episteme, avaliação autêntica da realidade. Situar numa posição de possibilidade de percepção real do objeto que se adapta verstehen (entendimento). Trata-se de adaptá-la à posição favorável que o saber seja do senhor (manipulação). A episteme é extraída das técnicas artesanais dos servos, porém o controle é subtrair sua essência para que esse saber se torne um saber do senhor. “Os bons senhores geralmente tem sorrisos meigos, coração dobrados e olhos gordos”.

Quando se diz que o gozo é privilégio do senhor é uma falácia. O que se vê em questão é o estatuto do senhor (a ordem desse controle). Essa citação Lacaniana é bastante séria e reflexiva. Porém assim talvez quando acompanhada do monopólio do saber como a

oligarquia está aqui para o apelo da episteme à avaliação dos dois pratos da balança, do que se vende e do que se compra e de quem produz. *“A filosofia, em sua função e essa extração, essa traição eu quase diria, do saber do escravo, para obter a sua transmutação em saber do senhor.”* (LACAN, 1969-1970, p.21)

Aqui ele apenas jogou o jogo de Platão pela dialética, pois logo afirmava: quer dizer que o que vemos surgir como ciência nos dominar seja fruto dessa operação? Longe disso, dessa precipitação, em resumo pelo contrário não é nada disso. Esta episteme (conhecimento autêntico) a todas as dicotomias (diversificações) servem apenas para caracterizar o saber do senhor. Um saber teórico segundo Aristóteles. Um saber teórico fora da “causa eficiente, porém mestre da causa final”.

Mais do que nunca só agora pelo lúdico da aplicação do seu sistema é que vem aos poucos compreender Lacan que não é difícil, porém complicadíssimo, excluindo sua participação no contexto e induzindo os ouvintes a construir suas próprias percepções sobre o discurso. Havia deixado passar sem nota um dos locais se suas palestras anteriores, Escola Normal Superior E.N.S – o que ele mesmo evidencia o caráter da sigla com as iniciais da palavra ensino. Justo que se justifica sua devoção pela pedagogia que embora complicada ao nível comum seja profundamente eficiente e eficaz no valor real da pedagogia. Daí a razão pela qual tanto conclamava o alerta para a filosofia e por ela busca a evidência dos fatos. Ao amparo de Platão e Aristóteles, da academia de Atenas. Aristóteles foi professor de Alexandre Magno, imperador do império macedônico, na época da expansão da cultura helenística 322 a.c.

Portanto este saber teórico, o do senhor é uma falácia e só quando Descartes sacode dos ombros o pó de toda até então formação inútil é que a ciência realmente vem a nascer. O que lhe valeu o conflito com o clero e o exílio pela Europa. Só daí a ciência realmente nasce provocando um reverso da moeda na intenção da oferta do saber servil para o senhor. Com o seu objetivo de recompor no seu devido lugar, na estrutura do discurso, o seu real significante no suporte de sua devida articulação.

Lacan finalmente apresenta a uma evidente constatação e pergunta quem pode ser opor que a filosofia não tinha sido sempre um instrumento ao bel-prazer do senhor? Apresenta a irracionalidade como o saber absoluto de Hegel, se partimos do início para alcançar o saber primordial.

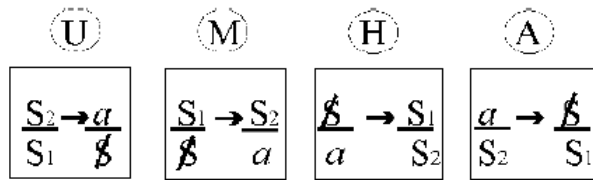
Temos ouvido muitas incoerências a respeito do desejo do saber dos psicanalistas, afirma Lacan, ressaltando se há algo que a psicanálise deveria forçar a aceitar é que o desejo de saber não tem nada a ver com o saber, a menos que nos satisfaçamos com o deslize da transgressão da evidência do ponto pedagógico o que conduz ao saber, mas sim, em o discurso da histérica, mais adiante com mais tempo. Será que o senhor que desloca a fundo bancário do saber no escravo tem desejo de saber?

Sessão seguinte: contestação

Lacan sempre se punha em alerta contra contestações, mas isso lhe interessava para se constatar confirmando ou desmentindo o nível estrutural de seu discurso pela crítica. Porém para ele, contestar não é perturbar. Seu discurso é efeito daquilo que ele mesmo afirma ser a sua própria constituição. Refere à preocupação quando a angustia e o temor da Escola Sainte Anne, de seu ensino não corresponder a um ensino médico. Seu assunto era a crítica de Freud. Via-se coagido como a apresentar causas endócrinas para a neurose, o que é um fruto constitucional. Isto é o que seria razoavelmente médico. Por fim se viram na necessidade de suportar este ensino, num lugar essencialmente médico, o que na realidade não era um ensino médico.

O mestre e a histérica

Um saber que não se sabe, a exteriorização do discurso, o saber e a verdade o semi-dizer
Enigma, citação, interpretação.



Como usada anteriormente com o significante diferente do signo, representa um sujeito para outro significante. Sendo que outro significante nada saiba sobre o assunto, não se trata de representação, mas representante igual ao discurso do mestre.

O discurso do mestre, reduzido a um único significante, diz que ele representa alguma coisa, representa x o que vem ser esclarecido aqui. Não se evidencia a forma que o senhor vem impor a sua vontade. Porém, quanto a isso é preciso uma permissão, e não pode admitir o Senhor absoluto de Hegel, a não ser à morte, e neste momento um é sinal que não resolve nada quanto a essa falsa origem. Portanto o Senhor não ficou demonstrando por isso que o Senhor, a menos que ressurgisse que tivesse sido aprovado, e quanto ao escravo, ele abriu mão de encarar a situação.

A incógnita da função do senhor então, não se evidencia de súbito. Porém, por estarmos já a caminho que nada temos a distanciar, e que não é o da teoria do inconsciente que se enquadra o saber pelo saber, como o inútil, fora da práxis.

O que a psicanálise evidencia é literal e não alegórico. Refere-se ao saber e não a representação. Trata-se da ligação direta, mediante a razão, de um significante, com o

outro correspondente significativo 2, os quais são termos bem diluentes em relação à evidência dada ao termo saber. É nesta relação, na medida em que não se sabe em que se verifica a estrutura do que se sabe, do que se articula calmamente como um senhorzinho ou como eu, como aquele que sabe um pouco sobre o assunto. Porém se vê que às vezes isso se impera. Ali está a evasão das falhas e faltas em que se revela o inconsciente. Porém é melhor e ultrapassa ao conhecimento da experiência analítica. Lemos uma biografia na medida do possível, na documentação relativa que se prova o que uma vida acredita. O que acreditam ter sido fatalidade de destino no dia-a-dia como também casualmente como acreditou ter concluído esse destino.

Porém na dúvida do saber real não é surpreendente que averiguamos que no nível do saber inconsciente foi feito um trabalho que sedimenta de maneira efetiva a verdade de tudo o que se reconheceu ser.

No esquema M maiúsculo, trabalho escravo esconde um inconsciente não revelado, que induz que se fale dessa vida o que, de reconhecimentos reais fez surgir desvios, fantasias e erros.

O saber então é o alvo da questão pela experiência da psicanálise, o que simplifica uma interrogação que não há nenhum motivo para delimitá-la.

Para chegar a concluir por completo de que esse saber possa vir a ser um momento que inesperadamente se revela pela psicanálise duvidosa. Talvez essa dúvida seja tomada na

superficialidade por se tratar dos céticos (escala filosófica). Que nos chega pouco clara. Mas teria isso alguma validade em saber? Que sabemos dos céticos? Talvez o mais prudente fosse não julgar. De este saber só temos talvez aquilo que eles passariam aos outros. Que não sabiam de onde provinha o ceticismo do radical questionamento de todo saber. A fortiori da generalização do saber. A influência das escalas serve bem para mostrar o quão pouco é a ideia de que o saber possa constituir uma totalidade inerente ao político como tal. Isto há muito é sabido. A ideia do todo dessa forma é dada pelo corpo, tomada por base no modelo da satisfação, naquilo que envolvido nos limites, faz esfera e que sempre foi usado na política. O que há mais de admirável é que se assemelha mais com a concentração do que contentamento. Contra essa conclusão de satisfação é contra o que mais temos de lutar cada vez que encontramos que alguma coisa faz um obstáculo no trabalho referente ao descoberto pelas vias do inconsciente. É a dificuldade, o limite, ou melhor, a nuvem na qual perdemos a direção e onde nos vemos desatinados. É estranho perceber que uma doutrina marxista, que instaurou sua articulação no objetivo da luta de classes permitisse que dela nascesse o que agora é justamente o problema que apresenta a todos. A preservação do discurso do senhor. Este não se estrutura igual o antigo, pois ocupa o lugar do M., no da esquerda, encabeçado pelo U. Porque, o que ocupa ali o lugar provisório, denominaremos de o dominante S_2 , que se define por ser, não saber-de-tudo. Isto definindo por não ser nada mais do que saber é a burocracia na linguagem cotidiana. O que se constata de que ali não deixa de existir alguma coisa errada. No primeiro enunciado, há três semanas parte-se do princípio que o saber, na regra primeira do discurso do senhor a parte do escravo. O que ocorre entre o discurso

do senhor antigo e o senhor moderno que é o capitalismo, é uma mutação no lugar do saber. O que pode se pensar que a tradição filosófica teria a sua responsabilidade nessa mudança. De forma que é por ter sido despassado de algo, o que era antes, de propriedade comum, que o proletário pode ser qualificado como um desapossado que tanto justifica a realização quanto o êxito da revolução. Não se nota que o que lhe é devolvido não é obrigatoriamente a sua parte? O seu saber a rapinagem do capitalismo, fazendo o estéril, malogra, contudo o que lhe é restituído numa forma de contravenção é outra coisa, um saber de senhor. É por isso que a sua realização não foi mais uma troca de senhor. É o que resulta de tudo é que ele não sabe o que quer-a-saber, a essência do senhor. Aqui se encerra a verdadeira base do discurso do senhor, o escravo entende de muitas coisas, porém o que mais sabe é o que o senhor quer, mesmo que esse não o soubesse que é o que geralmente ocorre, pois se não fosse assim ele não seria o senhor. O escravo tem consciência disso e é essa a sua função. E é assim que a engrenagem se move porque de qualquer jeito, foi dessa forma que se deu por muito tempo, o escravo estar com saber e o senhor com a autoridade. Na realidade é isso, o saber do escravo submisso à ignorância do senhor. Onde estaria à verdade então do fato de que o todo saber tenha mudado para o lado do senhor? Eis a razão que ao invés de esclarecer esta dúvida torna a questão mais difícil ainda. Por que isso então, a razão de que há nesse espaço um significante que representa o senhor? Pois nesse lugar se encontra o S_2 do senhor, mostrando o ponto mais central do que mais está mais uma vez no jogo é a nova dominação do saber. Isto é a impossibilidade de que nesse lugar aparecesse, na sequência histórica, como o que coubesse a verdade.

A verdade agora ocupa outro espaço. Ele deve ser realizado pelos que representam os antigos escravos, pelos mesmos produtos consumíveis que eles próprios significam, tanto quanto os outros, sociedade de consumo tal qual a matéria prima, a mão de obra. Este fato deveria ser registrado, pois nos compele também perguntar do que se refere no ato psicanalítico. Falando sobre o ato psicanalítico, devido à interrupção da ação que estabelece na qual se firma como tal o psicanalista concluir o circuito. Tomando-o no nível das interferências do analista, uma vez a experiência em seus limites. Caso haja um saber que não se sabe, ele se estabelece no nível S_2 , o outro significante. Este outro não se encontra sozinho. O ventre do outro, grande outro, está cheio deles, à maneira do Cavalo de Tróia gigante, dando as bases da alegoria de um saber totalitário. Sua finalidade resulta na espera que alguma coisa venha ao seu encontro chamá-lo, sem que nunca saia dali. E Tróia nunca será conquistada. O que afirma o analista? Muitos discursos da psicanálise não dizem nada. Temos o discurso do analista que nos centraliza no que é dominante e este não se confunde com o discurso do psicanalisante, com o discurso pronunciado de maneira direta na experiência analítica. Resume simplesmente na histerização do discurso. De outra maneira dizendo, é a introdução da estrutura conforme as possibilidades artificiais do discurso da histórica, aquele marcado com um H maiúsculo. Este discurso foi notificado antes por Lacan quando disse que o discurso existia e que existiria de qualquer jeito, com a psicanálise ou sem ela. Mas de maneira figurada, apresentando o seu arcabouço geral que nos apresenta a experiência

principal que é a sondagem, as investidas alternadas em pontos diferentes, em ziguezagues onde se apresentam as questões mal-intencionadas das relações sexuais.

Esperando nos atender pelo significante ficamos sem entender. Ele não foi feito para as relações sexuais. O ser humano por ser falante quebrou a harmonia perfeita da copulação o que é impossível enquadrar em qualquer espécie natural. A natureza apresenta uma variedade infinita de espécies, que na maioria não apresentam nenhuma copulação. É que isso vem a ser pouco significativo no seu universo. Se para o homem isso funciona, desta forma ou de outra, é devido um engano que assim estabelece isso, pela razão primeira, de apresentá-lo insolvente. É isso que quer dizer o discurso da histórica como tal. Refere-se ao feminino, uma mulher, mas não é privilégio único nosso. Muitos homens em análise são forçados a passar pelo discurso histórico. Pois este faz parte do jogo. Propõe saber disso o que se obtêm referente à relação entre homem e mulher. A histórica (o discurso) fabrica um homem movido pelo desejo de saber.

Esta questão de Lacan foi apresentada em seu seminário. Verifica-se que historicamente o senhor anulou o escravo de seu próprio saber, para projetar neste o seu saber. Porém surpreendentemente é como o desejo pode lhe socorrer. Se bem que o escravo fosse um conformado à sua condição antes que viesse a desejar alguma coisa. Será?

Do Mito à Estrutura

“A morte do pai, todos sabem, com efeito, que parece estar aí a chave, o ponto sensível de tudo que se enuncia - e não só a título mítico – sobre aquilo que a psicanálise lida”

(LACAN, 1969-1970, p. 125)

Começa-se a entender todo o sentido em que Lacan propõe-se a estruturar, a começar pelo título *O avesso da psicanálise*, nesse capítulo, esse filósofo psicanalista, ou psicanalista filosófico só entra na questão primeira, a que segundo Freud deu origem a toda cadeia neurótica e a todas as patologias psicológicas humanas, ao fim do seu seminário.

Lacan afirma que a morte do pai primeiro não liberta de qualquer conflito, é justamente o contrário, refere-se que é a partir da sua morte que há a interdição ao gozo primário. Para isso, cita *Os irmãos Karamazov* onde o velho pai Karamazov diz “*se deus está morto, tudo é permitido*”. Para Lacan, no nosso vil universo, se Deus está morto, nada mais é permitido. Mas a chave da questão não é a morte do pai e sim o seu assassinato.

Lacan penetra no universo do Complexo de Édipo para explicar tal teoria.

“O mito de Édipo, no nível trágico em que Freud se apropria dele, mostra precisamente que o assassinato do pai é a condição do gozo. Se Laio não for afastado – no decorrer de uma luta em que, aliás, não é seguro que por este passo Édipo vai herdar o gozo da mãe-, se Laio não for afastado, não haverá esse gozo. Mas será à custa desse assassinado que ele o obtém?”

(LACAN, 1969-1970, p. 126)

Lacan desmembra o mito de Édipo e coloca em pauta o clímax da tragédia grega no momento em que Édipo descobre a sua condição de castrado.

“Não é que a venda lhe caia dos olhos, são os olhos que lhe caem. Não é neste objeto mesmo que vemos Édipo reduzido não a sofrer a castração, mas antes, eu diria, a ser a própria castração? Ou seja, aquilo que resta quando desaparece dele, na forma de seus olhos, um dos suportes preferencias do objeto *a*.”

(LACAN, 1969-1970, p. 127)

Esta fantasia estará sempre ligada ao mito do assassinato do pai e que isso atingirá o filho. Talvez a mais antiga de todas as heranças seja a herança da castração, instintivamente transmitida de geração para geração, de pai para filho.

Citando Totem e Tabu em seu discurso, Lacan diz que o pai morto tem a chave do gozo em sua guarda, é de onde partiu a interdição do gozo, de onde ela procedeu e da impossibilidade que pai morto seja o gozo.

“Somos aí enviados a uma referência completamente outra a da castração, a partir do momento em que a definimos como princípio do significante-mestre”.

(LACAN, 1969-1970, p. 130)

Nesse momento Lacan afirma que a criança é o pai do homem no sentido que a linguagem se instaura como demanda, “demanda que fracassa”, que a sua repetição está numa colocação que ele chama de perda onde o mais gozar toma corpo.

Lacan se apropria dos três registros para explicar os mecanismos da castração.

“A castração é função essencialmente simbólica, ou seja, concebida exclusivamente na articulação significante- a, frustração é do imaginário, e a privação, como é óbvio, do real.”

(LACAN, 1969-1970, p. 131)

Em primeiro momento há a fantasia que o pai seja o castrador, mas para Lacan a castração acontece no segundo momento, no mito do assassinato do pai. E este não é o castrador e sim o agente da castração.

Lacan diz que o pai real é efeito da linguagem, pois na realidade cientificamente o pai real seria o espermatozoide, mas ninguém se diz filho de tal espermatozoide, o pai real é impossível o que faz o pai imaginário seja articulado como privador, isso vem da posição que cada qual está inserido.

“Trata-se agora de saber o que quer dizer essa castração, que não é uma fantasia, da qual resulta não haver causa do desejo que não seja produto dessa operação, e que a fantasia domine toda a realidade do desejo, ou seja, a lei.”

(LACAN, 1969-1970, P.135)

CONCLUSÃO

O psicanalista Sigmund Freud em sua obra *Totem e Tabu*, foca no coletivo, enquanto Lacan em *O Avesso da Psicanálise*, analisa o indivíduo. *Totem e Tabu* é um estudo antropológico que explica a origem das sociedades e religiões - sentido do porque os mitos e as lendas sempre permearam o imaginário coletivo. Nessa obra, sabe-se que o mito partiu de uma possível revolta de origem neurótica em que os “mancebos” assassinaram o pai (líder), para que pudessem ficar com as fêmeas. A lenda se espalhou aos posteriores como um grande Tabu.

Lacan desmantela dizendo que a castração vem, não da interdição do pai, e sim do seu assassinato, ou seja, que ele representa o agente da castração, mas a castração é própria do indivíduo.

O pai, o Deus, o Capitalismo, que nessa sociedade se instaura como grande pai agente da castração. Sempre há a interdição ao gozo. Mãe, pai e filho ou dinheiro, patrão e empregado. Esse modelo cíclico se estrutura em várias situações do cotidiano e é daí que temos as pequenas e grandes transgressões. A transgressão nada mais é que tentativa de burilar a interdição do gozo.

Bibliografia

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu e Outros Trabalhos, Volume XIII – 1913-1914

FREUD, Sigmund. Psicologia de Grupo e Análise do Ego. Imago, 1976

HEGEL, Revista do Capítulo 43 de Os pensadores. Abril Cultural Editora

VASCONCELOS, Paulo Sergio. Mitos Gregos. Objetiva

LACAN, Jacques. O Averso da Psicanálise. Zahar Editora.

LAPLANCHE, J.B. O Dicionário da Psicanálise. Livraria Martins Fontes.